

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CARDOSO, Bruno de Vasconcelos. Bruno de Vasconcelos Cardoso (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 16min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Bruno de Vasconcelos Cardoso
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 21/02/2018

Duração: 1h 16min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Ciência Social em tempos difíceis: novas configurações do trabalho intelectual no Brasil”, desenvolvido pelo pesquisador João Marcelo Ehlert Maia, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) com período de vigência entre abril de 2016 e abril de 2019.

Temas: Ciências Sociais; Ensino superior; Formação acadêmica; Formação profissional; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Metodologia de pesquisa; Polícia; Pós - graduação; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 21.02.2018

A graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o processo de profissionalização do entrevistado na área de Ciências Sociais; o trabalho como recenseador no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) durante a graduação; o trabalho com consultoria; possíveis pontes entre o trabalho realizado nas consultorias e as disciplinas de metodologia no ambiente acadêmico; a rotina de atividades no doutorado; as estratégias de escrita na pós-graduação; a tese de doutorado sobre vigilância; o contato com os policiais durante a pesquisa; a construção das personagens em sua pesquisa; o processo de escrita da tese; a experiência como professor-substituto no curso de Contabilidade da UFRJ; as estratégias utilizadas para as aulas; a aprovação no concurso da UFRJ em 2011; o esquema de preparação das aulas; a rotina do entrevistado; a preparação das aulas e atividades em casa; a divisão de atividades em casa; as atividades de pesquisa durante a docência; a pesquisa sobre o sistema de vigilância pública ampliado no Rio de Janeiro, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj); o processo de elaboração de artigos; a escrita colaborativa com outros pesquisadores; o ingresso como docente na pós-graduação e o esquema de aulas; as orientações realizadas pelo entrevistado; a mudança na relação com a escrita ao longo do tempo; a relação com as redes sociais; os cargos ocupados ao longo da trajetória institucional; o contato com alunos da graduação; reflexões sobre o que gostaria de fazer.

Entrevista: 21.02.2018

João Maia – Bom, dia 21 de fevereiro, sala 421 do IFCS [UFRJ]. Bruno, obrigado por me receber. A primeira pergunta que eu sempre faço é onde e quando você estudou Ciências Sociais?

Bruno Cardoso – Eu estudei Ciências Sociais no IFCS, entrei em 99.1. Eu já tinha tido contato com a Sociologia antes, eu morei fora dois anos e tive aula de Sociologia na França.

J.M. – E aí você se formou quando?

B.C. – Eu me formei em 2003, quer dizer, 2002. Colei grau em 2003, mas terminei as disciplinas em 2002.

J.M. – Uma segunda pergunta que é talvez mais difícil, porque uma coisa é a gente estudar Ciências Sociais, mas em que momento você percebeu que você estava se profissionalizando, que aquilo estava virando uma profissão para você? Quando e como isso se deu?

B.C. – É, eu acho que foi a passagem para o mestrado mesmo.

J.M. – Foi imediato?

B.C. – Foi imediato, eu coleei grau e já tinha sido aprovado para o mestrado. Foi um pouco aquela sensação que, num primeiro momento, Ciências Sociais é uma formação de vida, um hobby, uma paixão, eu gostava de ler, gostava dessas paradas todas. Venho para cá para faculdade, enfim, é uma descoberta de vida, de pessoas inteligentes, de contestações, mas durante a faculdade, eu não sei se isso mudou muito, mas durante o curso universitário você não é preparado para trabalhar, você não se pensa como profissional. Essa pergunta é muito boa por causa disso. Chegou um momento que eu estava me formando e eu pensei: “Cara, o que eu vou fazer agora? Qual vai ser o próximo passo?”. Eu me lembro que alguns amigos meus tinham feito mestrado, o Yuri no IUPERJ, o Rodrigo Fólis aqui, algumas pessoas que na época foram muito marcantes para mim, porque eu conversei e falaram: “mestrado, tem uma bolsa, continua estudando...”. Então, a passagem para o mestrado foi quando eu, pela primeira vez, levei a sério o pensamento de construir uma carreira profissional. Não que eu ache que isso

não estivesse no meu horizonte, mas até estar terminando [a graduação] meio que você vai empurrando com a barriga esse momento e vai vivendo como estudante mesmo.

J.M. – E você fez mestrado e doutorado bem naquela sequência mais contemporânea. Você chegou a ter uma atividade profissional à parte? Nem que fosse um bico, alguma coisa assim.

B.C. – Tive. Na graduação eu trabalhei como recenseador.

J.M. – No IBGE?

B.C. – No IBGE, no censo de 2000. E depois quando eu estava no mestrado e no doutorado, na verdade, entre o mestrado e o doutorado, eu fiz umas consultorias.

J.M. – Como foi isso?

B.C. – Como eu cheguei na consultoria ou como era a consultoria?

J.M. – As duas coisas.

B.C. – Então, como eu cheguei na consultoria: eu terminei o mestrado e, no ano seguinte exatamente, não fiz o doutorado. Eu fiquei um ano sem fazer. Eu fiz a seleção e não fui aprovado. Aí, eu estava sem grana e comecei a falar com os meus amigos próximos. Consegui uma pesquisa pelo NECVU [Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana], porque eu era orientado pelo Michel [Misse] no mestrado, que foi do Estatuto do Desarmamento. Foi contratada pela ALERJ, pelo MinC, na verdade, que na época estava muito engajado nisso. E eu fui conversando com os meus amigos e conversando com o Rodrigo Fólis, o mesmo Rodrigo Fólis, ele falou: “Olha, eu faço consultoria ambiental...”, na época todo mundo trabalhava para Ecology, “...e vai pintar uma consultoria que não é nesse mesmo modelo, porque é uma coisa de avaliação do PROAP...”, que era o Favela-Bairro do César Maia, então, uma coisa urbana, “...e é uma amiga minha que é a Juliana...”, provavelmente, você sabe quem é...

J.M. – Qual Juliana?

B.C. – Ela está fazendo doutorado aqui, é a Juliana Loureiro.

J.M. – Ah tá.

B.C. – Então, era a Juliana, “...ela abriu uma empresa de consultoria e está querendo contratar pessoas que ela conheça, que ela confie...”. Aí foi isso, eu fui para uma entrevista com ela e com a Andréia Gama, acho que talvez você conheça também.

J.M. – Acho que eu sei quem é.

B.C. – E foi isso, foi uma entrevista com elas, elas conversaram comigo, me contrataram para isso e o que a gente fazia era avaliar os programas...porque o Favela-Bairro PROAP I tinha sido obra e o PROAP II foi os programas sociais, aí a gente

avaliou os programas sociais para o Banco Mundial que contratou uma empresa de São Paulo que subcontratava uma empresa do Rio. A Diagonal Urbano foi contratada pelo Banco Mundial e subcontratava a Abaeté, que era a empresa da Juliana. Aí a gente fazia grupos focais, visitava CIEP, fazia grupos focais com os beneficiários dos programas.

J.M. – Basicamente o método era grupo focal?

B.C. – Basicamente era grupo focal. Assim, teve visitas, porque teve umas etnografias das comunidades que tinham sido beneficiárias dos programas e grupos focais com os indivíduos beneficiários. Aí tinha um relatório que a gente escrevia, mas no final das contas, eu me lembro que tinha um quadro que a gente tinha que preencher para parecer que o PROAP era a melhor coisa do mundo. Todas as coisas que a gente tinha que marcar, e era verdade o que a gente estava marcando, mas ignorava todos os problemas, tipo a não continuidade, o pequeno número de pessoas atingidas, mas eu me lembro que isso foi uma coisa importante para mim na época.

J.M. – Você usou grupo focal, você fazia uma minietnografia no tempo que dava, você estudou Ciências Sociais, você deve ter feito cadeira de metodologia, serviu de alguma coisa?

B.C. – Não serviu de absolutamente nada. Talvez as aulas que eu tenha tido de discussão de etnografia tenham servido mais. Esse foi o único curso que eu tive de metodologia, então, eu diria que eu fui jogado e tive que me virar com o bom senso e com aquilo que eu tinha lido nos textos. Na pesquisa do desarmamento, que eu fiz com o Michel e também de avaliação, que foi do ICCE [Instituto de Criminalística Carlos Éboli], a transição do modelo do Instituto de Criminalística para digitalização, a gente trabalhou um pouco com métodos quantitativos, mas aí foi o Michel pegando a gente pela mão e ensinando a fazer as coisas.

J.M. – Era o quê? Ele pegava o SPSS e mostrava para vocês?

B.C. – Não era nem o SPSS, era o Excel. Ele falava da experiência dele mesmo de trabalhar com banco de dados de criminalidade, como interpretar dados, como construir dados secundários a partir de um banco de dados maior. Foi mais isso mesmo, durante a pesquisa, o Michel, que era o meu orientador, passava a experiência dele pontualmente, os problemas que a gente precisava resolver.

J.M. – Quando você entrou no doutorado, você também estava fazendo aquela consultoria ou foi só naquele *gap*?

B.C. – Não, foi só no *gap*.

J.M. – No doutorado, você ficou só no doutorado?

B.C. – No doutorado, que eu me lembre, eu fiquei só no doutorado.

J.M. – Como era sua rotina de doutorando? Você tinha uma rotina para trabalhar, para estudar?

B.C. – Ah, eu tinha uma rotina mais quando eu estava fazendo as disciplinas. Eu acho que eu passei a ser um aluno dedicado mesmo na passagem da graduação para o mestrado. Eu fiz uma boa graduação, tinha uma boa base, tinha facilidade com aquilo, mas digamos que eu escolhia determinadas disciplinas para me dedicar e outras eu ia empurrando com a barriga, total.

J.M. – Claro, todo mundo.

B.C. – Quando eu passei para o mestrado, eu passei a levar isso muito a sério. Eu lia todos os textos, participava de todas as aulas, então, quando eu estava tendo aula, eu tinha uma rotina de leitura muito pesada.

J.M. – Em casa?

B.C. – Em casa. A partir de um certo momento no doutorado...porque eu tive momentos assim de morar sozinho, meu pai foi transferido para Brasília, aí a minha família foi para Brasília e eu fiquei no Rio. Aí era tranquilo trabalhar em casa.

J.M. – Mas quando não era...

B.C. – Quando não era, eu ia para biblioteca.

J.M. – Qual?

B.C. – Eu fui bastante para o CFCH [Centro de Filosofia e Ciências Humanas], mas na época eu não ficava na biblioteca do CFCH, nos corredores do Instituto de Economia tinha umas mesas com tomadas. Agora, a biblioteca que eu mais fui foi a do CBPF [Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas]. Eu ia muito para lá.

J.M. – Você morava perto?

B.C. – Quando eu morava com os meus pais, eu morava em Ipanema, aí eu ia de bicicleta. Depois eu passei a morar em Botafogo, aí eu ia também de bicicleta, mas eu morava bem perto. Fui para biblioteca da PUC bastante também.

J.M. – Ah, é excelente. E quando você tinha que escrever teus trabalhos, tu tinha uma estratégia para escrever? Você era daqueles que precisava virar madrugada?

B.C. – Virava a madrugada. A minha estratégia era a pressão.

J.M. – Chegava no finalzinho, você sentava e fazia tudo de uma vez?

B.C. – É, por vezes, eu ficava trocando trabalhos finais com uns colegas meus. Em especial, não sei se você conhece, nenhum dos dois terminou o doutorado, um nem terminou o mestrado, o Léo Couto e o Júlio Naves.

J.M. – Ah, o Júlio Naves eu lembro.

B.C. – Eu me lembro que no mestrado, com o Júlio eu ainda cheguei a trocar trabalhos no doutorado, um ficava lendo e comentando o do outro e às vezes numa madrugada. Era maratona mesmo.

J.M. – Aí você conseguia fechar o trabalho em uma madrugada?

B.C. – Eu conseguia fechar... assim, eu ia pensando no trabalho, eu ia lendo coisas, agora, sentar para escrever era naquele esquema de pressão máxima que eu não consigo mais fazer.

J.M. – Fala um pouco da tua tese de doutorado.

B.C. – Eu vou ter que dar um passo atrás.

J.M. – Pode voltar o mestrado.

B.C. – Quando eu fiz o mestrado, eu estudei o que na época eu chamei de ataque de *pitboys* no Rio de Janeiro, basicamente, a cobertura da imprensa e a reação dos principais atores envolvidos, atores públicos, carta de leitores no Globo e no Jornal do Brasil. Em um determinado momento, no auge daqueles casos, que não era nada muito grave, mas tinha uma visibilidade muito grande, teve um deputado, não me lembro mais se foi o Domingos Brazão ou o Coronel Jairo, enfim, um desses caras sugeriu uma lei, apresentou um projeto de lei para instalar câmeras de vigilância em todas as boates, casas noturnas e restaurantes do Rio de Janeiro. Eu me lembro que aquilo me chamou muita atenção. Foram várias leis relacionadas a câmeras que passaram muito fácil no âmbito estadual; e no âmbito municipal, teve uma lei que o prefeito César Maia vetou com a argumentação de que: “são locais em que a intimidade e a privacidade das pessoas estão exacerbadas”, falava assim mesmo, e que aquilo seria uma ameaça.

Então, essa ideia surgiu para mim: estudar câmeras de vigilância. Eu me lembro que eu falei com o Michel, que era meu orientador, ele achou uma péssima ideia, que não tinha nada de inovador, nada de interessante. Eu conversei com o Gilberto Velho, que eu tinha feito matéria no museu [Museu Nacional], que tinha sido da minha banca, o Gilberto adorou, queria que eu fosse para o museu estudar isso com ele. Ainda bem que eu não fui, porque eu teria feito algo completamente diferente. E aí eu resolvi fazer isso. Durante um tempo, eu li muito, eu fui muito “caxias” nas disciplinas, mas estava com dificuldade de começar a pesquisa.

J.M. – Isso no doutorado?

B.C. – No doutorado. Eu me lembro que uma colega minha, que posteriormente estava até na minha banca, uma argentina chamada Brígida Renoldi, ela me deu um esporro

um dia, porque ela falou: “Bruno, para de ler, vai, se joga no campo, porque senão você só vai repetir coisas que outras pessoas repetiram”. E eu me lembro que eu me joguei no campo. Fiz um campo com polícia durante sete meses na Central do Brasil, que tinha a central de câmeras da polícia...

J.M. – Aquela?

B.C. – Não a atual, funcionava num andar do prédio da Central do Brasil, onde a Secretaria de Segurança Pública funcionava, no 13º andar. E depois eu fui para o Batalhão de Copacabana, na sala de operações, na sala que as imagens de câmera chegavam...era o 19º Batalhão, o Batalhão de Polícia de Turismo. Então, eu fiz um trabalho que eu considero bastante antropológico, metodologicamente, eu fui um etnógrafo, eu me baseei na etnografia, nos preceitos: “deixa o campo te mostrar”.

Foi bem interessante a construção da minha tese para mim, porque eu começo com uma discussão teórica, que era o que eu estava fazendo, é meio cronológico, eu faço uma discussão teórica...Foucault, Deleuze e “Sociedade de Controle”, David Lyon, que é o cara que fala de vigilância, e quando eu vou para o campo, o meu campo vai desconstruindo todas as discussões teóricas que eu tinha feito. Então, é uma tese de desconstrução da própria tese ao longo da tese. Em um determinado momento do meu fazer doutorado ficou muito evidente para mim, pelas conversas que eu tinha com as pessoas, que eu não podia - eu podia, mas eu não quis – me ater à vigilância policial, vídeo/vigilância policial, porque sempre que eu falava disso, a primeira coisa que as pessoas falavam era: “Ah, o Big Brother”. E eu percebia que o Big Brother do Orwell estava cada vez mais escorrendo para o Big Brother da Endemol, que é a empresa que criou o programa. E, ao mesmo tempo, as imagens de vigilância, boa parte delas, escorriam também para o Youtube.

Então, a partir de um certo de momento, eu vi que eu precisava estudar também a divulgação de imagens de vigilância, que vai criando uma estética, um imaginário, que vai criando um desejo pela vigilância, a partir da divulgação do compartilhamento dessas imagens na internet. Eu estudo também as imagens de flagrante, que aí é a categoria que eu uso “flagrante”, para não ficar preso nesse meio entre vigilância e voyeurismo no YouTube. E quando eu quero falar de imagens sexualizadas, porque também estava muito presente nesse âmbito, o YouTube não era o lugar ideal, eu tenho uma pequena parte que eu analiso o XVideos. Então, foi assim que eu fiz essa amarração toda, mas que foi um processo, num primeiro momento não era o que eu tinha em mente.

J.M. – Como é que foi essa tua aventura etnográfica? Era um tempo concentrado? Você mencionou alguns meses, mas você ia todo dia, por exemplo?

B.C. – Eu ia três vezes por semana e aí eu ficava dependendo do que estava acontecendo lá. Tinha dias que eu chegava e queria ficar duas horas, aí acontecia uma parada e eu ficava cinco. Tinha dias que estava completamente insuportável aquele trabalho de campo, eu ficava que nem um leão enjaulado, eu ficava uma hora e saía. Eu fiz durante sete meses seguidos efetivamente, mas eu tentei me pautar pelo que aqueles dias estavam me oferecendo. Eu não tive autorização da polícia para visitar nem a sala de operações nem o centro de comando de noite e não tive a autorização para frequentar durante o final de semana.

J.M. – Você era aquele clássico antropólogo com um caderninho de notas? Ou chegava em casa e fazia umas anotações?

B.C. – Teve um pouco de tudo. Eu fiz entrevista com gravador, fiz entrevista sem gravador com o caderninho, eu anotei em caderninho, mas fazer trabalho com polícia especificamente tem uma hora que o caderninho começa a atrapalhar.

J.M. – O cara desconfia, essa coisa de repórter...

B.C. – As acusações de jornalistas e de “X9” – “X9” óbvio que brincando e jornalista não brincando - eram muito recorrentes e aí eu até me surpreendo, porque eu vejo que a polícia não tem problema nenhum com cientista social, tem problema com jornalista. Eles nem sabem o que faz um cientista social.

J.M. – Porque jornalista é lido.

B.C. – É um pouco isso. E eu sentia assim que...a quantidade de vezes que as pessoas perguntavam o que eu estava escrevendo, pediam para ver meu caderno ou falavam: “Não, eu não vou poder contar isso para você, porque sei lá o que você vai fazer”. Eu me ligava que o caderno era um interruptor do superego do meu nativo. Na Central, eu usei mais o caderno, porque eu ficava sentado atrás numa sala semiescura, estava todo mundo virado para a tela, eu estava numa bancada atrás de onde estava todo mundo. Então, eu conversava com as pessoas, mas eu passava muito tempo atrás observando eles.

Em Copacabana, eu ficava no meio do pessoal sentado. Era uma sala pequena. Eu me lembro que eu saía do Batalhão de Copacabana, que é ali na saída do metrô Siqueira Campos, e ia andando, eu morava no Leme nessa época - no final do meu trabalho de campo, eu estava morando no Leme -, eu ia andando para o Leme escrevendo no caderno. Antes, quando eu saía da Central e ia para Ipanema, eu ia no

metrô anotando. Quando eu saía de Copacabana e ia andando para o Leme, eu ia andando pela praia e ia passando pelas câmeras todas que eu ficava vendo o pessoal e eu andando igual um zumbi e escrevendo. Chegava em casa, eu tinha muito essa necessidade de pegar o meu caderno de campo e passar para o computador.

J.M. – De que forma? Você fazia um texto mais arrumado ou meio que jogava?

B.C. – Ah, eu tentava de tudo, dependia do dia. O ideal para mim era fazer um texto mais arrumado que eu pudesse, no momento da redação da tese, copiar e colar. Mas, determinadas coisas, eu botava tópicos. Agora, quando eu fui escrever a tese, os tópicos me dificultavam muito, porque às vezes eu perdia um pouco...aquilo, quando eu estava transcrevendo e copiando, era muito claro na minha cabeça, às vezes eu perdia as conexões. Aquilo que eu transformei logo em texto me serviu muito mais depois.

J.M. – E no caso dos personagens? Porque você tem que manter uma certa unidade em torno da pessoa, sua trajetória, isso ficava meio fragmentado pela forma que você jogava? Porque uma hora o cara aparece, outra hora ele não aparece.

B.C. – Então, eu tive um recurso, até hoje eu não sei se isso era o que eu deveria ter feito ou não, óbvio que eu mudei o nome de todo mundo, eu mudei algumas informações importantes, mas tem um momento na minha descrição do campo no Batalhão de Copacabana, que era uma sala muita pequena, que eu começo apresentando todas as pessoas com quem eu convivi, dando informações, porque eles eram ou policiais civis ou policiais militares ou bombeiros aposentados. Aí eu explicava isso, explicava a idade, a minha relação com eles, por exemplo, tinha um cara lá dentro que votava no Lula, um cara lá dentro, e todas as minhas interações com ele foram diferentes por conta disso. Tinha outro que era o cara que se orgulhava de ter sido torturador durante a Ditadura. Então, eu vou apresentando tudo isso. Na minha tese, eu apresento todos os personagens, nome por nome *fake* e uma mini-história de vida, não história de vida, mas aquilo que eu consegui saber. Quando eu transformo isso em livro, eu tenho o impulso de me colocar também como um personagem nessa descrição, porque a minha escrita é uma escrita muito pessoal, na primeira pessoa, mas quando eu estou descrevendo os personagens do meu campo, eu me coloco na terceira pessoa como doutor Bruno, que é como eles me chamavam, e meio que estranhando, um cara que todo mundo achava estranho que ele fazia a mesma pergunta em momentos diferentes, se metia no trabalho, enfim, eu tento...sei lá, não sei exatamente por que eu quis fazer isso, mas para mim sempre foi muito importante não tratar o trabalho

etnográfico com uma objetividade, entender que a minha presença ali estava transformando aquilo o tempo inteiro. Eu fazia parte daquele sistema de vigilância.

J.M. – Na hora da escrita da tese foi que nem na graduação, no mestrado, tipo último minuto?

B.C. – Não, eu passei um bom tempo escrevendo.

J.M. – Aí você conseguia escrever de dia ou só à noite?

B.C. – Escrevi em todos os momentos. Às vezes eu passava três, quatro dias sem escrever uma linha, voltando para o meu material, lendo o texto; às vezes eu escrevia dez páginas em um dia, mas assim, eu acordava e a primeira coisa que eu ia fazer era isso.

J.M. – Você tinha que ter uma ideia já mais clara ou você era aquele que vê a página em branco e sai jogando, copia e cola? Ou tinha que estar mais organizado na sua cabeça?

B.C. – Eu tenho a cabeça muito organizada, ao contrário de todo resto na minha vida, eu tenho a cabeça muito psíquica de organização, então, eu fazia esquemas...

J.M. – Mentais?

B.C. – Às vezes no papel, desenhava um monte de coisa. Então, eu fui desenhando os capítulos da tese. É óbvio que tem alguma coisa que você vai mudando, mas eu quis muito já ter um panorama geral de como eu ia organizar as coisas. Eu acho que tem um momento que todo mundo passa, minha tese tem cinco capítulos, você abre cinco arquivos de capítulos e vai jogando coisas que você sabe que, em algum momento, você vai ter tempo de...era um pouco assim.

J.M. – E aí você defendeu quando mesmo?

B.C. – Em maio de 2010.

J.M. – E aí terminou a tese, bolsa acabou, o que rolou?

B.C. – Rolou uma certa deprê [risos]. Primeiro, aquele desespero daquele limbo: “Pô, e agora? Eu estou na classe dos desempregados mais qualificados desse país”. Aconteceu uma coisa que eu acho que foi muito positiva para minha carreira que foi que eu não consegui uma bolsa de Pós-doc.

J.M. – Você pediu e não rolou?

B.C. – Não consegui pedir, porque eu queria pedir uma bolsa com o Michel, que tinha sido meu orientador no doutorado, e essa mesma Brígida tinha conversado antes com o Michel que ia pedir e ela defendeu antes de mim. E aí o Michel falou: “Não, eu já prometi isso para a Brígida”. E passou o primeiro edital e eu não apliquei e ela também não aplicou. Aí apareceu um segundo edital, só que no segundo edital, nos últimos

momentos, eu estava na ABA [Associação Brasileira de Antropologia] de Belém e eu e o Michel descobrimos que precisava ser pesquisador 1A do CNPQ para submeter e ele não era, aí não dava mais tempo de fazer nada. E aí ficou um tempo sem aparecer editais. Aí em setembro, eu defendi em maio, em setembro, eu fiz um processo seletivo para professor substituto aqui e eu entrei aqui como professor substituto no meio do semestre, estava faltando professor para Contabilidade, numa expansão do curso de Contabilidade em Biblioteconomia no Fundão. Aí eu peguei essa disciplina lá.

Nesse período, do fim do doutorado até eu entrar aqui no IFCS, eu fiz cinco concursos. Eu fiz um concurso uma semana antes de eu defender para a Rural [UFRRJ] que eu fui bem na primeira fase, mas não fui aprovado na prova de aula, acho uma injustiça até hoje, mas gosto muito dessa injustiça. Depois, eu fiz um concurso para Juiz de Fora [UFJF] uma semana depois da minha defesa. Então, em três semanas eu defendi e fiz dois concursos. Para Juiz de Fora, eu fiquei em primeiro no concurso e na prova de título eu fui para quarto, bateu uma depressão pesada, passou a Marcela Beraldo. Bateu uma depressão pesada, porque eu vi que eu tinha feito tudo errado, falei: “Fodeu, nunca vou conseguir entrar em lugar nenhum, estruturei minha carreira errado, achei que ser um excelente aluno bastava e não tenho pontuação em porra nenhuma”.

J.M. – De artigo, essas coisas...

B.C. – Bateu um desespero pesado. Aí depois teve uma leva de concursos para o IFCS. Para Rural, eu fiz para Sociologia e, para Juiz de Fora, eu fiz para Antropologia. Aí eu me inscrevi no IFCS num concurso para Sociologia e em outro para Antropologia e eu fiz os dois. Aí eu fui aprovado nos dois e nesse mesmo esquema: estava indo, aí vai para a prova de título, eu vou lá para trás.

J.M. – Mas, no caso da sua experiência como substituto no Fundão, foi sua primeira experiência docente pelo o que eu estou entendendo, como é que foi?

B.C. – Não, eu tinha assumido uma turma do Michel. Quando eu termino o mestrado, ele passa uma turma para mim. Não é nem aquilo de estágio docência. “Ah, tem uma turma de metodologia no terceiro período que está meio emperrada, você não quer pegar essa turma? ”, aí eu peguei. Essa foi minha primeira experiência docente. Mas por que eu contei a história do concurso? Porque, quando eu era substituto, abriu uma vaga para professor efetivo no concurso que eu estava como substituto para Contabilidade, uma vaga pedida pela Contabilidade, e eu fiz, eu me inscrevi nesse concurso. Antes do concurso ser realizado, porque teve problema com a banca, mudou a banca, o chefe do departamento aqui do IFCS, que era o Michel, esqueceu, perdeu, enfim, não mandou a

renovação da minha vaga de substituto. Então, eu peguei um substituto-tampão, recebi três meses e meio e acabou, não foi renovado. Eu fiquei numa merda que durante dois anos, eu não podia ser substituto em nenhuma faculdade federal, por causa de três meses.

J.M. – Entendi.

B.C. – Aí eu entrei em desespero e comecei a estudar que nem um louco para fazer os concursos e consegui passar nesse quinto concurso que eu faço aqui para o IFCS.

J.M. – Mas nesses três meses em Contabilidade, como é que foi para você pegar uma turma?

B.C. – Foi um momento de aprendizado pesado, porque eu tinha ainda uma concepção de que um curso de Introdução, era Sociologia aplicada à Administração basicamente, eu peguei duas turmas disso...eu tinha que dar um curso de Introdução à Sociologia, então, eu faço aquele esquema, começa o que é a Sociologia, Marx, Durkheim e Weber, um texto do Simmel, para no final entrar no assunto deles, num assunto mais afim ao deles. E eu fui entendendo que não é assim, você não vai...não tem interesse nenhum para quem está fazendo Contabilidade teoria sociológica, não tem interesse nenhum para quase ninguém teoria sociológica. Só é uma coisa, hoje essa é uma convicção muito forte que eu tenho, só é interessante para quem faz Ciências Sociais. Todo resto, você só está impedindo pessoas que estão tendo contato com aquilo de ver o encanto do pensar sociologicamente, enchendo elas de teoria pesada, “teorismo”, que é o que eu chamo.

Então, foi um momento legal de aprendizado disso. Entender o que funcionava, entender o que não funcionava, eu me lembro que eu começava a dar aula...nessa turma do Michel e nesse meu primeiro período também, a aula para mim eu gostava, mas era muito tensa, porque eu lia texto e chegava na aula, simplesmente, tinha lido o texto e começava a falar do texto. Às vezes, eu anotava três ou quatro ideias que eu não podia deixar de falar...

J.M. – E levava a anotação?

B.C. – Levava a anotação de três ou quatro ideias e ficava megatenso pensando no que eu não posso deixar de falar, não pode ter um silêncio, eu tenho que encaminhar uma coisa na outra. E aí teve uma aula que uma aluna virou para mim e falou assim: “Professor, deixa eu te explicar como é que se faz...”[risos]. Foi uma aluna de Contabilidade no primeiro período que falou isso para mim: “Você traz uma matéria, anota no quadro, deixa a gente copiar e depois você explica”. E aquilo ficou na minha

cabeça, eu pensei: “Caralho, cara, pode ser mesmo uma parada”. E a partir desse momento, eu passei a organizar as minhas aulas com material escrito. Eu tinha uma convicção bastante medievalista de que processo de aprendizado envolve a cópia. Então, eu ia lá copiava no quadro, deixava eles copiarem e depois usava aquilo como roteiro. A partir de um certo momento, já algum tempo depois, eu passo a organizar o meu texto, organizar minha aula preparada num Word, projetar e deixar eles copiarem.

J.M. – Ah, você projetava tua aula. Em tópicos?

B.C. – Tópicos. Hoje em dia, eu já deixo na Xerox.

J.M. – Ah, deixa a aula no Word na Xerox. Antes da aula?

B.C. – Antes da aula.

J.M. – Aí eles dão uma olhada e depois vocês discutem?

B.C. – É, eles levam meio que...para eles poderem anotar o que eu estou falando e não terem que anotar de novo o que já está anotado. Então, eu fui amolecendo no meu processo.

J.M. – Legal isso.

B.C. – E isso para mim foi uma libertação incrível, porque me dá um trabalho fodido preparar a aula, eu tenho muito trabalho. Depois eu vou até mostrar para vocês os meus “Words” que eu tenho até impresso. Me dá um trabalho fodido preparar a aula, mas a partir do momento que a aula está pronta, eu relaxo, eu sei que ela vai rolar, eu sei que eu vou falar o que eu tenho que falar e eu sei que eu não vou esquecer, ter branco. Não que isso acontecesse, porque a gente tem muito para falar mesmo, a gente tem a capacidade de enrolar, por isso que a gente está fazendo Ciências Sociais, mas isso me dava uma tensão muito grande. Eu terminava a aula esgotado.

J.M. – E aí chegamos quando você conseguiu ser aprovado no concurso. Isso foi em 2011?

B.C. – 2011, eu tomo posse em junho de 2011.

J.M. – Então, já no segundo semestre de 2011, você começou a trabalhar aqui. Foi teu primeiro emprego, digamos, mais formal mesmo...

B.C. – Foi, foi.

J.M. – Como é que foi esse começo? Afinal, você era muito jovem ainda e estava com os teus professores, não é? Maioria absoluta.

B.C. – Sim, exato, num primeiro momento isso causou uma certa tensão para mim, porque eu ia para reunião de departamento com os meus professores e eu não tinha sala num primeiro momento no IFCS, eu fiquei vagando um semestre. Eu estava dando aula

na Praia Vermelha, no Fundão, não dava aula aqui. E muito intimidado pelos meus professores. Eu não tinha muita relação, naquela época, com a geração imediatamente anterior à minha que era a Felícia [Picanço], que era a Helga [Gahyva], basicamente a Felícia e a Helga, a Grazi [Graziella M. da Silva] que eu não conhecia até então, eu conheci ela fazendo o concurso na verdade, que depois ela passou em primeiro e eu fiquei em quarto. A Eloísa [Martín] também não tinha contato, a Cida [Aparecida Moraes] muito muito pouco e o Alexandre Werneck que eu conhecia um pouco mais. Então, eu fui bastante intimidado nesse início. Aí no meu segundo semestre, eu dou uma matéria no IFCS: “Sociologia da Ciência”.

J.M. – Ou seja, 2012.1.

B.C. – Isso. E eu me lembro que não se inscreveu gente suficiente para a matéria acontecer.

J.M. – Aqui precisa de quantos?

B.C. – De quatro ou cinco.

J.M. – Tá.

B.C. – Eu fiquei arrasado, fiquei arrasado. E aí eu me lembro que Pedro Paulo [Martins de Oliveira] virou para mim e falou assim: “Não, é porque os alunos escolhem as disciplinas pelos professores e ninguém sabe quem você é, porque você nunca deu aula aqui. Então, tenta ver se você pega uma obrigatória para Ciências Sociais que aí você vai minimamente...”. Aí no terceiro período, eu pego três disciplinas, porque eu estava ainda...

J.M. – Tem que compensar, estava devendo, não é?

B.C. – Não, porque essa matéria contou, mesmo eu não tendo trabalhado. Além de eu estar devendo, eu estava enganchado com as disciplinas lá da Praia Vermelha e do Fundão, eu era o último que tinha entrado, não tinha ainda convencido meus colegas de fazer um revezamento, a gente não tinha ainda professor substituto...Então, eu peguei três disciplinas, sendo uma obrigatória aqui. Foi escornante para mim, mas aí eu acho que começou minha vida de professor no IFCS.

J.M. – Vamos ficar ainda no professor, antes de entrar no pesquisador já sem orientador, digamos assim. Teu esquema para preparar as aulas, como é que era? Você também ficava em casa, lia os textos? Você manteve esse esquema do Word? Como é que ficou?

B.C. – Mantive. O meu esquema é por várias etapas, eu leio o texto...assim, minha aula é bastante expositiva, eu não gosto que seja só expositiva, mas eu leio o texto e ficho o texto, aí eu pego esse fichamento e...

J.M. – Você ficha no computador?

B.C. – Hoje sim, mas num primeiro momento, eu escrevia na lateral dos livros, ainda faço isso um pouco. Então, num primeiro momento, eu leio o texto, leio no livro, no papel e vou sublinhando, meus textos são todos sublinhados alucinadamente, eu tenho que arranjar coisas para criar graus de hierarquia de importância. Eu anotava as coisas mais importantes na lateral do texto, hoje em dia, eu dou tracinho nas coisas mais importantes. Aí eu pegava, depois que eu terminava o texto, tudo o que eu tinha anotado na lateral, eu passava para um programa de organização de ideias, chamado MindManager, que hoje é programa bastante tosco, mas eu aprendi a mexer nele, quem usa Evernote, essas coisas, acha tosco, mas eu não consigo usar isso. Então, é um programa que você joga as frases e organiza elas em tópicos espacialmente, por isso que eu falo que eu gosto de pensar espacialmente. Eu vou organizando, aí mudo a ordem das coisas do texto, assim, minha aula é expositiva, mas ela não segue de forma nenhuma a sequência do texto. Depois, eu pegava isso e transformava num arquivo de Word.

J.M. – Ainda tinha uma disposição espacial ou era corrido?

B.C. – Aí é corrido, mas a disposição espacial era para eu desconstruir o texto. Eu desconstruía e organizava, aí colocava coisas de outros textos que eu queria discutir, que eu tinha discutido em outras aulas, exemplos que eu ia pesquisar na internet. Eu meio que fazia uma culinária *fusion* com aquele texto. E ainda é o que eu faço hoje, até hoje esse é o método que eu faço.

J.M. – Você lê comentadores?

B.C. – Muito raramente.

J.M. – Mas você mencionou que procura coisas na internet, assim, exemplos, como o quê? Notícias, vídeos, coisas do tipo...

B.C. – Vou dar um exemplo, um texto que eu dou muita aula, porque é muito importante para mim, o “Vigiar e Punir”. O primeiro capítulo do “Vigiar e Punir” começa com a descrição do último suplício na França, do último regicida que é lá o Damian, uma discussão muito crua, e eu me lembro que eu fui atrás da história de vida do Damian. E aí olhando a história de vida do Damian, pensando em como era o código penal, a constituição francesa naquela época, eu faço uma associação com o código manuelino, que era o código em primeira pessoa de Portugal, que era vigente no Brasil e que depois se transformou no código filipino durante a União Ibérica, enfim, que era tudo aquilo: “Se você ler uma carta direcionada...”, eu fui ler parte do código filipino, “...ao Rei, intercepta, você é condenado à morte”; “Se você intercepta e lê, você é

condenado à morte e esquartejado”; “Se você intercepta, lê e entende, você é...”. Aí eu volto para Tiradentes, pensar o cara que é condenado por regicídio no Brasil, conspiração contra o rei. Aí eu vou para história da D. Maria I que foi quem anistiou o Tiradentes, porque tinha assistido ao suplício. É isso...

J.M. – É quase um artigo.

B.C. – Aí eu vou viajando para poder ter... Assim, eu gosto muito de inserir exemplos nas aulas. Então, muitas vezes, a minha viagem lendo o texto, a linha de fuga que eu pego lendo o texto, eu trago ela para sala de aula para exemplificar.

J.M. – E aí você traz falando, você não chega: “Aqui tem um quadro do Tiradentes...”, algum tipo de imagem?

B.C. – Às vezes eu uso imagem, mas é mais raro. Para continuar no “Vigiar e Punir”, o panóptico, a prisão lá da *Isla de la juventude* em Cuba, que é o principal exemplo de panóptico, onde o Fidel e o Raul ficaram presos, eu vou mostrando essas imagens todas, mas é mais comum que a minha aula seja expositiva.

J.M. – Nessa época você não tinha sala ainda, então, você preparava a aula em casa?

B.C. – Preparava em casa.

J.M. – Você passou a ter sala quando?

B.C. – Eu passei a ter sala, acho que foi no início de 2012.

J.M. – Ah, então foi rápido.

B.C. – Foi rápido, foram seis meses, um semestre, porque a Paula (Cappelini) tinha se aposentado. Essa sala era ocupada pela Paula e pelo Gianmario (Giuliani) e, quando a Paula se aposenta, o Paulo Baía, que tinha ficado sem sala quando tinha ido trabalhar no governo, volta para cá, aí o Gianmario convida ele para ficar na sala no lugar da Paula. A Paula ainda ocupava mais ou menos, era uma sala que tinha três professores: Paulo Baía, Gianmario e Paula. Aí o Gianmario pede aposentaria, quando o Gianmario pede aposentadoria, eu era o único professor do departamento sem sala e aí, nesse momento, eu me lembro que o Michel era o chefe de departamento e o Marco Aurélio [Santana] era o diretor do IFCS, eles conversam com o Gianmario para ver se ele, que ainda não tinha se aposentado, podia já me receber na sala. Aí o Gianmario fala: “Ah, nem estou mais vindo aqui, fica aí, eu passo, sei lá, dois anos dividindo a sala com o Paulo Baía”.

J.M. – E como é que era tua rotina? Rotina mesmo, você vinha para cá todo dia?

B.C. – Eu vinha praticamente todo dia.

J.M. – Você acordava cedo?

B.C. – Depende da aula, eu gosto de chegar aqui nesse horário antes do almoço.

J.M. – Onze...

B.C. – Onze, eu dou uma trabalhada aqui, aí vou e almoço. Se tem um colega, almoço e a gente se inteira das novidades, fofocas, corredores de IFCS. E depois eu volto e fico aqui de tarde.

J.M. – Até que horas mais ou menos?

B.C. – Ah, tinha uma época que eu tinha uma obsessão em sair antes das cinco por causa do metrô cheio, só que aí eu fui percebendo que não existe metrô cheio, então, eu me coloco tarefas para realizar aqui. Quando eu sinto que estou precisando de uma pausa, ou eu paro para tomar um café e começo uma outra tarefa, ou quando eu estou muito ansioso, eu vou para casa e termino...faço essa pausa do metrô, no café quando tomo em casa e retomo o trabalho... quando é uma coisa muito diferente também, por exemplo, eu estava escrevendo um artigo e preciso preparar a aula ou o contrário, aí eu faço essa ruptura e vou para casa.

J.M. – Mas você divide tua semana: “Ah, segunda e terça, eu vou preparar a aula, escrever só no dia tal”. Você tenta fazer isso?

B.C. – Não.

J.M. – ...ou todas as suas atividades estão nas tuas tarefas diárias?

B.C. –Eu acho que vai um pouco pelo o que está me pisando no calcanhar. Como eu levo muito tempo preparando aula durante o período letivo, as aulas meio que invadem o meu dia a dia. O que eu preciso fazer de pesquisa, ou de escrever artigo ou de coisa burocrática, eu tenho que me programar muito para fazer, tipo: “Hoje eu vou acabar essa porra dessa aula, acabar essa porra desse texto, para amanhã eu conseguir fazer tal coisa”. Mas é nesse esquema, eu só consigo relaxar mesmo quando eu termino a aula. Eu gosto de terminar a aula com uma certa antecedência.

J.M. – Tipo nunca na véspera...

B.C. – Na véspera sempre, mas eu não gosto que seja no mesmo dia, o que às vezes acontece também. E os períodos de escrever são sempre quando eu estou precisando escrever alguma coisa, eu não tenho – gostaria até de ter -, mas eu não tenho essa rotina.

J.M. – Você trabalha em casa ainda?

B.C. – Trabalho em casa.

J.M. – Fazendo o que principalmente? Lendo tese...

B.C. – Principalmente, lendo e preparando aula também.

J.M. – Mas aí tu fica lá de dia ou é à noite mesmo?

B.C. – Eu cada vez menos tenho a capacidade de trabalhar à noite. Para trabalhar de noite, eu tenho que estar muito pressionado, tipo uma banca no dia seguinte ou uma aula que eu não consegui terminar, mas eu não gosto de ter que terminar a aula de madrugada. No geral, dá dez horas eu já estou nervoso para terminar de trabalhar. Às vezes eu vou até uma da manhã, mas no geral...

J.M. – Desculpa perguntar, mas você mora sozinho?

B.C. – Não.

J.M. – Você é casado?

B.C. – Sou casado.

J.M. – Vocês têm filhos?

B.C. – Não.

J.M. – Aí dá para fazer mais essas rotinas.

B.C. – É, mas mais ou menos assim, porque durante todo o doutorado da minha mulher, minha companheira como se fala hoje, eu era professor aqui já, então, eu fui meio orientador dela também, não tem como não ser. Então, esse momento era muito difícil virar para ela e falar: “Não, olha só, cara, eu sei que você fica me perguntando uma coisa simples de cinco em cinco minutos, mas eu preciso de concentração”. Essa época foi enlouquecedora, eu vinha para cá para fugir disso. Acabou a tese dela, eu fiquei um pouco mais livre para trabalhar em casa também.

J.M. – E a coisa de tarefa doméstica? Tu faz um pouco de manhã, de noite? Dá uma arrumada?

B.C. – A gente tem uma divisão de trabalho muito estrita, bem moderna. Em casa eu sou responsável pela alimentação, então, isso te implica um certo horário. A manhã para mim em casa é mais difícil, por isso que eu gosto de vir para cá antes do almoço.

J.M. – Então, você tem que deixar o almoço preparado?

B.C. – Eu faço o almoço.

J.M. – De manhã?

B.C. – Mais ou menos naquele esquema, começou a bater a fome, igual quando eu fazia o trabalho final na graduação, começa a ficar com fome: “Ih, vou ter que fazer comida”. Eu acho que em casa as atividades domésticas me atrapalham muito também. Então, eu sei que quando eu sair daqui do trabalho, a minha concentração vai ser muito prejudicada, principalmente, aquela necessidade de você pegar um embalo vai ser muito complicado por coisas de: “Ah, faz um cafezinho”, “Ah, precisa comprar não sei o quê no mercado”, “Ah, o banco...”. Então, isso é um pouco o inferno.

J.M. – Mas você tem um lugarzinho lá ou é tipo na sala?

B.C. – Não, eu vivo numa casa muito pequena, é tipo um *loft*. Então, a gente tenta se dividir, é um quarto e sala, mas que é um *loft*, ele tem uma entradinha também. Quando eu estou muito necessitado, eu falo: “Não vamos ficar se olhando”. Mas às vezes estão os dois no sofá, um trabalhando do lado do outro. Mas me deixa muito nervoso, muito, muito nervoso alguém olhando o que estou escrevendo, eu tenho a impressão de que é tipo Malkovich...

J.M. – É tua tese, é o panóptico.

B.C. – Entra dentro da minha cabeça, até e-mail, mensagem, me dá um nervoso imenso ver uma pessoa...eu não tenho problema que alguém leia o que eu escrevi, mas enquanto eu estou escrevendo, eu me sinto muito muito invadido.

J.M. – Vamos falar um pouco de você como pesquisador nesse período de 2011, 2012. Bom, você se doutorou e virou professor muito rápido, qual foi a primeira pesquisa chancelada, digamos assim, que você conseguiu? Como é que foi esse processo de pedir um dinheiro para uma agência? Como é que rolou isso para você?

B.C. – Ah, o primeiro seria a instalação...

J.M. – Da FAPERJ?

B.C. – Da FAPERJ, e de resto, eu não tenho nenhuma pesquisa ainda principal que esteja no meu nome, mas eu tenho feito pesquisa o tempo todo. Na verdade, pouco tempo depois que eu termino o doutorado, quando eu estava terminando, sei lá, o Rio é escolhido sede das Olimpíadas e da Copa do Mundo, então, o sistema de vigilância, de comando e controle, que eu pesquisei no doutorado, é ultra ampliado para esse prédio novo que é na Praça Onze. É o maior investimento de segurança da história do Rio de Janeiro, da história do Brasil e do Rio de Janeiro. Então, eu vou pesquisar isso.

J.M. – Mas, você vai como?

B.C. – Eu escrevo um projeto, submeto um projeto para o CNPq, no meu nome o projeto não é aceito. Aí submeto o projeto junto com outro projeto de megaeventos para FAPERJ no nome do Michel, aí o projeto é aceito, eu sou o pesquisador da equipe. O projeto é meu, mas a conclusão que a gente chega lá é que eu não estava na Pós, eu levo um tempo para entrar na Pós aqui, eu não tinha orientando, eu não tinha participado de quase nenhuma banca, eu não tinha estofado para estar ganhando um projeto mesmo, projeto universal do CNPq. E aí eu tenho a grande aventura de voltar a fazer campo sendo professor.

J.M. – Isso que eu ia te perguntar, como é que é isso?

B.C. – Ah, é bem louco. Primeiro, porque a minha posição na polícia muda, eu sou um professor, eu chego lá com uma tese para entregar para eles, para entregar para Secretaria de Segurança, depois, eu levo o livro quando a minha tese é publicada...e com papéis da universidade. Nas duas vezes, eu faço um caminho oficial, eu peço autorização à Secretaria de Segurança Pública, ao secretário de Segurança Pública para fazer pesquisa. Então, tem isso também, eu chego com uma carta de Beltrano para fazer a pesquisa ali, mas a minha rotina já era muito mais difícil, eu já tinha que pensar: “quando eu não estou dando aula e quando eu vou ter tempo de transcrever todo esse material”. Eu sou muito menos disciplinado como professor no sentido de pegar o caderno e transformar o caderno em...eu tenho três cadernos de campo lotados e eu devo ter dez dias só desses que eu fui que eu transformei em texto de Word. Isso me dá um aperto.

J.M. – Mas aí como é você conseguia? Você procurava reservar um tempo corrido, por exemplo, férias?

B.C. – Não.

J.M. – Ou toda semana você ia um dia?

B.C. – Toda semana eu vou dois dias.

J.M. – Dois dias, você conseguia fazer isso?

B.C. – Isso foi o que eu fiz. E durou um bom tempo. No início era entrevista, porque o prédio não estava pronto. Eu estava fazendo entrevista com a cúpula de inteligência da Segurança Pública quando explode junho de 2013. O prédio tinha acabado de ser inaugurado e logo depois, eu vou fazer campo lá. Mas era isso, eu conversava muito com as pessoas, eu consegui autorização para ficar na sala de despacho de viatura e de observação das câmeras, uma coisa muito parecida com a que eu tive no doutorado. Então, eu tive essa experiência de fazer mais ou menos o mesmo campo de novo como professor, como autoridade no assunto. Foi legal, eu gostei de fazer pesquisa, me dá um aperto muito grande, porque eu publiquei pouco. Eu publiquei alguns artigos em boas revistas, mas assim, eu tenho muita vontade de transformar isso num livro, porque a pesquisa que eu fiz tem uma densidade narrativa de um livro.

J.M. – E terminou mais ou menos em que época, formalmente, o projeto?

B.C. – Formalmente, minha última visita de campo, depois eu fiz entrevistas, mas o campo com regularidade é às vésperas da Copa do Mundo.

J.M. – 2014, e desse período que terminou mais formalmente de 2014 até agora, 2017, teve alguma outra pesquisa que você esteve envolvido?

B.C. – Não diretamente, eu tenho me interessado...tem uma pesquisa, mas não nesses mesmos moldes, sobre a segurança de megaeventos no Rio de Janeiro, mas o campo em si eu não consegui fazer, porque eu recebi autorização para fazer campo durante a Copa do Mundo, isso também que interrompe a minha pesquisa, e no meu primeiro dia lindo, maravilhoso, vendo várias coisas interessantes, o cara da polícia federal veta, fala: “Não, quem é aquele cara ali? Observador, não temos essa posição de observador, tira o crachá dele e não deixa mais ele vir”.

Então, isso gerou uma frustração para mim e, desde então, eu tenho feito uma...porque a minha parada é tecnologia, eu gosto de pesquisar tecnologia, eu gosto de dialogar com bibliografia de tecnologia e eu tenho elaborado pesquisas, orientado alguma coisa, sobre o que eu venho chamando, também muito influenciado pelo Foucault, de tecnologias de conduta a partir de softwares e aplicativos. Isso é um pouco a minha obsessão nesse momento. O quanto o uso de dispositivos móveis, aplicativos e softwares vem nos levando a fazer uma série de coisas no nosso dia a dia que vão transformando a vida social, as relações sociais, até mesmo a nossa cognição.

J.M. – Entendi. Uma última coisa sobre essa pesquisa, você falou que entrou no “projeto” do Michel, mas chegava a ter uma dinâmica coletiva?

B.C. – Não, não, eu estava fazendo essa parte e a Vivian [Paes], que é uma outra pesquisadora que é professora da UFF, estava fazendo uma parte sobre as transformações urbanas no Rio de Janeiro. Então, foram duas coisas independentes, o Michel não participou de absolutamente nada, só deu o nome e a gente fez.

J.M. – E no caso da tua escrita? Porque agora você já estava escrevendo não a tese, não resumos ou uma coisa escrita de aula...essa escrita de artigos, como é que funcionava para você? Quando você começava a pesquisa, você já tinha uma ideia: “Eu queria fazer dois artigos a partir...”? Ou isso ia pintando?

B.C. – Ia pintando. Normalmente, é um caso específico, é uma coisa específica que, em um determinado momento, eu falo: “Isso é um artigo”.

J.M. – Isso rende.

B.C. – E sempre tendo alguma coisa em mente, eu trabalho bem com chamadas, tipo tem uma chamada...

J.M. – Ah tá, da revista...

B.C. – Eu publiquei, por exemplo, dois na “Horizontes Antropológicos”. Tem um tema, tem uma chamada, tem um prazo.

J.M. – Aí você funciona melhor assim...

B.C. – Funciono melhor assim.

J.M. – ...tem esse lugar que está precisando. É mais do que: “Tá, onde eu posso publicar? ”, livremente falando.

B.C. – É, a não ser as do doutorado, porque aí já estavam prontas as coisas. Aí você tira uma parte, transforma em artigo e pensa: “Onde eu posso publicar isso? ”. Mas, quando eu estou fazendo a pesquisa, o que me mobiliza ou é uma conversa com alguém, por exemplo, eu publiquei com o Daniel Hirata. A gente dialoga muito, em um determinado a gente fala: “Cara, eu podia misturar o meu campo com o seu e, com essas ideias que a gente está falando loucamente, escrever um artigo”. Aí funciona. Mas é um pouco assim.

J.M. – E aí na tua prática é similar ao seu modo de escrever desde sempre, assim, você tem que ter uma ideia, pensar bastante para chegar no computador?

B.C. – Eu começo no papel, eu escrevo andando na verdade. Eu pego um caderno, é uma ansiedade, eu pareço um leão enjaulado escrevendo, eu fico andando pela casa, escrevo uma parte em pé, em cada móvel...

J.M. – Observações ou um textinho?

B.C. – Às vezes é observação, às vezes é um esqueleto, mas, normalmente, eu começo a escrever o texto mesmo em caneta, às vezes escrevo duas páginas e aí, quando eu estou passando o texto para computador, eu já passo transformando, lapidando e eu embalo, mas a página do computador me oprime.

J.M. – O “brancão” não dá, você já tem que chegar com o teu negocinho aí...

B.C. – Ou com um mapa desse. Eu desenho nesse mapa desse software a estrutura do texto, aí eu vou colocando ideias, autores que eu quero usar, às vezes até frases, às vezes os tópicos. Eu sou muito organizado mesmo para escrever, então, eu preciso dessa organização inicial.

Eu estou com essa organização inicial, aí eu parto para o papel no sentido de “o esqueleto está aqui”, agora eu preciso botar carne nesse esqueleto. E o papel me dá mais segurança para botar essa carne num primeiro momento do que a página vazia do Word. Eu acho que o problema não é só a página vazia é o deletar, escrever e deletar. Acho que isso que me dá uma angústia.

J.M. – Dá um superego excessivo, você vai deletando demais, não se permite muito.

B.C. – É, porque quando eu escrevo no papel, eu sei que eu vou passar depois para o computador, eu sei que o meu superego vai estar agindo de forma não destrutiva, ele vai

estar construindo junto as merdas que eu escrevi, mas quando eu olho para o que eu escrevi e eu tenho a possibilidade de apagar, ferrou.

J.M. – Você mencionou que já escreveu com o Daniel Hirata, então, você já escreveu a quatro mãos, como é que funciona?

B.C. – Já, já escrevi com a Fernanda Bruno também.

J.M. – Como é que funciona para escrever?

B.C. – Normalmente, a gente tem uma ideia antes, conversa sobre o texto, conversa sobre a ideia, tem que se reunir algumas vezes antes, só verbal, e um dar o pontapé inicial o texto. Com o Daniel, eu publiquei dois textos com ele, um fui eu que dei o pontapé inicial, aí mandei para ele; o outro foi ele. E aí cada vez que um lê vai revisando e fazendo comentários, trabalhando muito com os mecanismos de correção do Word, e um vai ajudando o outro mesmo. Eu tenho essa impressão de que eu funciono no diálogo. E com a Fernanda, eu trabalho com a Fernanda, ela estava na minha banca também, não sei se você sabe quem é...

J.M. – Talvez.

B.C. – Fernanda Bruno é professora da Pós da ECO.

J.M. – Tá.

B.C. – Estávamos os dois pensando em coisas semelhantes sobre um tema. Eu vi uma apresentação dela e, na hora que eu vi a apresentação, eu vi que aquilo que eu estava pensando complementava totalmente a apresentação dela. Aí eu fiz um convite: “Vamos escrever um artigo juntos? ”. Ela topou. Ela mandou a apresentação dela e eu fui encaixando a minha. Foi bem a quatro mãos mesmo.

J.M. – Interessante. Então, seja com a Bruno, seja com o Hirata, não é muito assim: você escreve cinco páginas e fala “aqui você não mexe”, e o outro escreve cinco páginas...

B.C. – Não, todo mundo mexe em tudo. É uma conversa mesmo, acho que tanto com um quanto com o outro, a gente pressupôs uma conversa, vamos escrever como uma conversa. E aí vai comentando, às vezes não é nem para mudar o texto, mas...“Ah, isso me lembrou tal texto, me lembra tal ideia”, faz piada, enfim, é até lúdico. Eu gosto da experiência.

J.M. – E você entrou na Pós quando?

B.C. – Eu entrei na Pós talvez em 2014, 2015.

J.M. – E teu esquema de aula continuou o mesmo ou mudou?

B.C. – Aula na Pós eu volto para aquele velho esquema de ler e chegar com algumas ideias para falar e tentar...eu prezo muito pela construção de um pensamento coletivo. Eu acho que na Pós tem que ser a construção de um pensamento coletivo, me incitava muito, quando eu era aluno, ficar pensando junto com o professor a partir do texto. Então, eu gosto de tentar puxar isso dos alunos, eu tenho a tendência a falar muito, você já está vendo nessa própria entrevista, mas eu tento não expor o texto.

Eu dei um curso com a Júlia (O'Donnell) também, foi uma experiência muito boa e acho que os dois tiveram essa mesma impressão de tentar puxar a turma para falar mesmo. Eu chego sempre com o texto lido, faço uma pequena apresentação do texto, tento pegar os principais tópicos e depois passo para turma. Não gosto de trabalhar com seminário, eu acho que o meu trabalho é estar ali apresentando o texto, seminário boa parte das vezes fica uma bosta. É jogar muita responsabilidade da sua aula, do seu curso, nas costas dos alunos, mas eu tento fazer eles falarem, com algumas turmas funciona melhor com outras nem tanto.

J.M. – Você orienta?

B.C. – Oriento.

J.M. – Como é que foi começar a orientar?

B.C. – Eu acho que foi a parte mais difícil. Para mim é a parte mais difícil, porque eu tenho muita dificuldade em dar ordem, muita dificuldade de delegar coisas. Eu sou o tipo da pessoa que faz...quando eu era chefe de departamento, “precisa de alguém para participar de mesário em tal eleição”, eu ia sempre, porque eu não queria ter que...E eu gosto dessa relação de não dar ordem, porque as minhas orientações com o Michel foram assim. Ele me soltava completamente, a gente tinha duas reuniões por ano e funcionou para mim, mas eu percebo que não é isso que boa parte dos orientandos quer. Eles querem alguém em cima, então, essa parte da cobrança para mim é muito difícil. Agora, o que eu acho que faço bem e os alunos gostam é que eu leio muito atentamente os textos e faço muitos comentários, faço revisão, reviso tudo.

J.M. – Você revisa inclusive estilo?

B.C. – Não, estilo não, eu falo quando está enrolado e reviso o português alucinadamente, vírgula, tudo.

J.M. – No corretor?

B.C. – Até quando está com dois espaços, eu vou lá e tiro, e eu faço muito muito comentário mesmo.

J.M. – Tudo no texto mesmo?

B.C. – No texto.

J.M. – E aí você manda de volta?

B.C. – Aí mando de volta, depois, eu falo para pessoa ler os meus comentários e marco uma reunião. A partir dos meus comentários a gente tem uma reunião.

J.M. – Disso tudo aí que você faz ensino, pesquisa e orientar, escrever ainda é um prazer para você? Porque estando na Pós é uma pressão também, você sente isso?

B.C. – Tem momentos de prazer e tem momentos de sofrimento. Quando eu estava como aluno na Pós, eu escrevia um trabalho de doze páginas em uma noite; hoje, se eu escrevo três parágrafos em um dia, eu estou feliz, eu acho que é uma coisa que está rendendo. Eu tenho muito mais freio de mão puxado para falar qualquer coisa, para escrever qualquer coisa. Todas as ideias me parecem que...

J.M. – ...ou já foram ou também não valem muito...

B.C. – ...ou quem está lendo pode ter....A crítica passa a ser muito mais complicada, mas eu tenho momentos de prazer enquanto eu estou escrevendo, eu tenho frases assim que quase me fazem gozar, uma ideia: “Ah, que ideia legal! ”. E aí quando eu consigo transformar essa ideia num texto fluído, eu não gosto de escrever difícil, eu não gosto de ler texto difícil, eu não gosto de autores que escrevam difícil, porque para mim...

J.M. – Foucault não é tão simples...é que você já é um especialista.

B.C. – Pode ser, mas o Foucault tem uma pegada literária que eu gosto, tem uma pegada estilística literária. Eu tenho muita dificuldade com um Habermas da vida, me dá raiva. Eu tenho facilidade com as ideias, mas me dá muita raiva do Bourdieu escrevendo, por exemplo. Quando eu escrevo, eu penso que o ideal – eu sei que o ideal é sempre ideal –, mas é que uma pessoa que não faça Ciências Sociais, que não seja doutora em Ciências Sociais, consiga ler aquilo e, minimamente, entender. Tem uma dimensão de fazer literatura escrevendo que é o que me dá mais prazer, mas não uma literatura fluída, falando as coisas que eu preciso falar da pesquisa, mas com o tesão de literatura.

J.M. – E você consome literatura?

B.C. – Consumo.

J.M. – Você consegue ler com alguma regularidade?

B.C. – Eu tive momentos que eu estava conseguindo menos, mas eu coloquei coisas tipo: “Eu não quero ter que ler os textos do meu curso no metrô”. Então, no metrô, eu leio literatura, porque senão eu estava lendo Sociologia em todos os lugares da minha vida. Meio de transporte, eu estou lendo literatura. Comecei achando: “Ah, só vou conseguir voltar a ler contos”, depois já passei para romance, já li várias coisas nesse

esquema. Às vezes, em casa, eu me empolgo um pouco mais e leio...viagem de avião, eu leio. Eu aproveito para ler literatura, porque eu gosto muito.

J.M. – Outra forma de leitura hoje em dia é a rede social que é leitura também. Você é ativo em rede social?

B.C. – Cada vez menos, eu levei muito tempo para entrar no Facebook, muito tempo mesmo, eu entrei depois de 2013, porque eu achei que ali tinha uma camada de acontecimentos que eu estava passando batido. Num primeiro momento, você é um pouco tímido, a partir de um certo momento, você acha que vai conseguir influenciar o mundo a partir daquilo ali, tem uma sedução da leitura com feedback imediato, mas hoje, cada vez menos eu acho que aquilo ali é um canal para eu expor minhas ideias ou eu não me sinto confortável no papel de comentarista do mundo, comentarista em tempo real do mundo. Então, eu leio muita coisa que estão nas redes sociais, cada vez menos textão de pessoas, mas eu aproveito para ler coisas interessantes que me instigam, por exemplo, a R@u, que é uma revista de antropologia virtual muito foda.

J.M. – Você segue no Facebook também?

B.C. – Sigo. Aí eu leio muito jornal de fora, colunas de jornais, desde coisas de esquerda até coisas de direita, *Foreign Affairs*, *The Current*, *The Economist*.... Eu aproveito para ler essas paradas.

J.M. – Você lê à noite em casa ou aqui mesmo no intervalo? Aquela aba aberta...

B.C. – Não, aqui eu tento não fazer isso, às vezes você começa a ler alguma coisa, recebe alguma notificação, mas eu tento muito preservar o meu tempo de IFCS não fazendo coincidir com o meu tempo de procrastinação.

J.M. – No caso, tua leitura de temas das Ciências Sociais é sempre muito instrumental? “Estou escrevendo esse artigo, preciso ler isso”. Ou você fica ligado: “Pô, saiu uma coisa interessante de fulano, quero ler...”, independentemente de você usar ou não.

B.C. – Eu acho que é menos instrumental do que deveria ser até, porque eu não tenho muito saco para especialismo, ficar lendo o tempo inteiro.... Eu fui para o campo da tecnologia, porque me dá tesão ler tecnologia, eu podia ter ido para o campo da segurança pública, mas eu odeio ler texto de segurança pública, eu odeio a discussão sobre segurança pública. Eu diria quase que eu odeio as pessoas do campo da segurança pública. Eu tinha tudo para...eu tenho um campo profundo, respeitado, inovador na segurança pública, eu não quis construir minha carreira aí, porque eu não queria ficar lendo coisas disso. Eu sinto tesão de ler coisas de tecnologia, em tecnologia eu posso circular muito mais. Eu posso pensar sociologicamente muito mais, porque o meu tesão

é pensar sociologicamente. Essa é a minha implicância com a teoria também, embora, eu goste de alguns teóricos, eu implico muito mesmo.

Então, as coisas que me permitem pensar sociologicamente independem da temática. Eu sinto que eu tenho um padrão de qualidade de leitura, eu não leio qualquer merda, mas não necessariamente eu vou estar lendo em Ciências Sociais aquilo que eu estou precisando para pesquisa. Então, quando eu organizo um curso, eu organizo com coisas que eu quero ler, não necessariamente para pesquisa, mas que eu quero ler, porque está fazendo parte da minha libido intelectual do momento. Eu vou dar de novo um curso de Sociologia da Ciência, que eu adoro, vou ler Sociologia da Física, Sociologia da Química. Eu odiava Física e Química enquanto estava no colégio, mas hoje isso me dá um tesão incrível.

J.M. – Você foi chefe de departamento?

B.C. – Fui.

J.M. – Que outras funções você já teve da vida coletiva institucional?

B.C. – Acho que principalmente isso e comissões...

J.M. – Você gosta?

B.C. – Não, odeio.

J.M. – Foi traumático teu período de chefe?

B.C. – Foi traumático, porque eu passei 12 meses: durante 4 meses teve greve dos funcionários e o departamento não parou; e outros 5 meses não tinha funcionário no departamento de Sociologia, porque precisava fazer concurso na UFRJ. Então, eu fazia tudo, eu escrevia os memorandos que eu tinha que assinar. O chefe de departamento hoje só assina os memorandos, eu escrevia, pesquisava, tive que entender aquela porra daquele computador do departamento, ia pegar processo lá embaixo, ia levar processo...foi super traumático. E lidar com os colegas também...

J.M. – É difícil?

B.C. – É chato, é chato. Ter que pedir coisas para os colegas é chato. Mas, eu acho que eu tenho uma certa habilidade política que eu não gosto de exercer, eu sou conciliador, aí entrando já em um viés totalmente diferente, eu sou geminiano, então, de alguma maneira, eu me sinto propenso a fazer um trabalho diplomático, de negociação, em vários momentos na Pós, na relação com os alunos, isso funciona muito bem, eu sou muito procurado para isso, por exemplo.

J.M. – Para resolver tensões?

B.C. – Para resolver tensões.

J.M. – Entre colegas e colegas e alunos?

B.C. – Entre colegas, quando teve a tensão aqui de disputa de salas, eu fui bastante ativo, e com os alunos totalmente. Eu acho que eu me comunico muito bem com os alunos, eu tenho uma empatia que maior parte dos meus colegas já não tem mais ou nunca teve. E os alunos reconhecem isso em mim.

J.M. – E você gosta do contato com os alunos de graduação?

B.C. – Gosto, na verdade, isso me dá bastante energia.

J.M. – Porque é uma geração bem diferente da sua.

B.C. – Isso que eu acho mais interessante, a cada seis meses ou a cada um ano, o IFCS se transforma. Transformam as questões. Muita gente, por exemplo, penou muito - é óbvio que eu penei um pouco -, mas penou muito mais do que eu. Eu tive uma certa excitação com a emergência das questões do movimento negro, com a emergência das questões do movimento feminista. Por exemplo, a compreensão de que o pessoal pode estar sendo chato, mas faz sentido eu pensar em colocar um autor negro nos meus cursos, faz sentido eu refletir sobre porque em toda a minha formação e na formação que eu estou dando para os meus alunos não entra praticamente nenhuma mulher. Esse tipo de questão que é trazida debaixo para cima - é óbvio que tem gente no topo da academia que está colocando isso -, mas essas questões para a gente aqui são trazidas debaixo para cima, elas tiram o mofo um pouco da minha atividade. Eu gosto disso, eu gosto de saber qual é a preocupação de agora, qual é o novo obstáculo que vai me tirar daquela zona de conforto de pegar o mesmo curso e oferecer o mesmo curso, com os mesmos autores o tempo inteiro. Eu gosto muito desse contato com os alunos da graduação.

J.M. – Você está em alguma atividade que não seja da universidade? Alguma coisa fora da universidade que você esteja envolvido?

B.C. – Não.

J.M. – E o que você sente falta na tua rotina profissional? O que você gostaria de fazer, mas não consegue, não pode, por qualquer motivo?

B.C. – Eu gostaria de ter tempo para escrever mais. A nossa rotina profissional, a minha pelo menos, é de tal forma esmagada pela preparação de aulas, participação em bancas, que essa dimensão que me dava muito prazer e às vezes continua me dando prazer em determinados momentos como eu falei, eu sinto que ela cada vez mais vai surgir por uma demanda de produtividade e não aquilo: “Pô, eu tenho uma coisa para escrever, eu

tenho uma ideia ou um resultado de pesquisa”. Eu queria ter tempo para escrever isso.

Isso é uma coisa que eu sinto bastante falta.

J.M. – Bom é isso Bruno, queria agradecer.

[FIM DO DEPOIMENTO]